

Fundação  
Cultural  
De Joinville

D

**BOLETIM do**  
**ARQUIVO**  
**HISTÓRICO**  
**de JOINVILLE**

Publicação semestral — Março de 1990 — N.º 6

**Arquivo Histórico de Joinville**

Rua Hermann August Lepper, 65 Caixa Postal D-100 Fone: (0474) 22-2154 - 89200 Joinville - SC

# BOLETIM do ARQUIVO HISTÓRICO de JOINVILLE

MARÇO DE 1990

N.º 6

## ÍNDICE

	Pág.
Apresentação .....	3
Capela dos Jesuítas — depósito de material? .....	4
O perfil psicossocial do imigrante .....	8
A têmpera dos heróicos pioneiros .....	12
A mulher — personagem chave da literatura da Imigração alemã em Santa Catarina .....	14
A escravidão no Brasil .....	18
Relatório .....	22
Portarias .....	26
Quem está pesquisando o quê? .....	27

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE

Prefeito: Luiz Gomes

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE

Presidente: Moacir G. Thomazi

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

Diretor: Apolinário Ternes

MARÇO DE 1983

Pág.

3	Apresentação
4	Capas dos fascículos — depósito de materiais
8	O perfil psicossocial do imigrante
12	A temperança dos heróis pioneiros
17	A mulher — personagem-chave da literatura de imigração alemã
14	em Santa Catarina
18	
22	
26	
27	

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE - AHJ

a. 1, n. 1, out./83 — Joinville, 1983

SEMESTRAL

I. Joinville — História — Periódicos

CDU 908 (816.42J) (05)

CDD 981.64005

## APRESENTAÇÃO

O Boletim do Arquivo Histórico de Joinville inicia com o presente número uma nova fase de sua existência. Publicado de forma mimeografada desde outubro de 1983 e com periodicidade trimestral, o Boletim mesmo tendo se transformado num importante veículo de comunicação da instituição, teve sua publicação interrompida desde o início de 1988, com o último número saindo em dezembro daquele ano.

Agora, com novo formato e impressão melhorada, o Boletim mantém os mesmos objetivos e deverá surgir apenas duas vezes por ano, na medida em que ainda é bastante restrito o número de colaboradores.

Neste número, além dos artigos especiais, apresentamos um amplo relatório das atividades desenvolvidas pelo Arquivo ao longo de 1989, prestando-se contas das ações de cada uma das coordenadorias em que se estruturam as atividades da instituição.

Estamos certos de que o Boletim, agora em nova fase, continuará a ser o órgão de divulgação do Arquivo, bem como de acolhimento de estudos, ensaios, artigos e comentários dos assuntos relacionados com a História de Joinville e da região.

**Apolinário Ternes**

Arquivo Histórico de Joinville

## CAPELA DOS JESUÍTAS — DEPÓSITO DE MATERIAL ?

Hilda Anna Krisch (\*)

Foi em 1914, numa excursão que eu vi, à margem do Rio Três Barras, a ruína da “Capela dos Jesuítas”. Os restos deixaram ver que se tratava de duas repartições: uma ala maior, de mais ou menos 5x6 m<sup>2</sup>, ligada por uma porta para outra ala de cerca de 2x5 m<sup>2</sup>, que deve ter sido a sacristia. A altura dos muros ainda existentes era de cerca de 3 metros de altura e percebia-se que foi muito mexido na obra como também no chão.

Perto das ruínas moravam uns caboclos, um deles muito acanhado veio vender laranjas e limas. e, conversa vai, conversa vem, ele nos contou que nascera nessa região, onde também os seus antecedentes viveram. Conforme o pai dele sempre dizia, um dos antepassados tinha um segredo, porém nunca revelou a ninguém. O nosso caboclo também contou que antigamente viviam aí padres. Muita gente de São Francisco e redondezas, quando iam serra acima passaram aí.

Em 1921 procurei este local, mas a ruína já tinha desaparecido completamente e conforme os caboclos falaram, foi gente de Joinville que fez isto.

Agora em 1988 fui informado que há muitos anos joinvilenses procuraram um tesouro nas ruínas da capela, demoliram a mesma e conseguiram achar um tesouro. Fato é que estes joinvilen-

ses se mudaram para o Paraná, compraram fazendas e aparentemente tinham muito dinheiro e ninguém sabe de onde.

Numa outra excursão em 1921, subindo o Monte Crista, vimos os degraus de uma grande escadaria, já em mau estado de conservação e segundo nos contaram, esta escadaria foi feita pelos Bandeirantes. No Monte Crista não vimos cavernas ou qualquer coisa que indicasse a presença de habitantes antigos ou atuais.

Em 1985 acompanhei a Dona Elly Herkenhoff e Tereza Böbel do Arquivo Histórico de Joinville, para verificar uma pista de uma bíblia antiga e outros documentos. Encontramos em Garuva fragmentos de uma bíblia, traduzida por Marthin Luther, que os donos prometeram entregar ao Arquivo Histórico.

Há tempos soubemos que foram encontrados documentos nas cavernas de Monte Crista, e, uma vez em Garuva aproveitamos a oportunidade e procuramos o padre de Garuva se soubesse algo a respeito. Ele nos informou que seu antecessor recebeu de trabalhadores “documentos” que encontraram nas cavernas da serra, até chamou um dos trabalhadores para confirmar o fato. Como o padre ficou sabendo que os documentos foram levados para Curitiba, foi procurá-los aí, mas ninguém soube a respeito.

Nós presumimos que os Jesuítas da "Capela" do Rio Três Barras, com a ordem pombal, ou seja fóra de lei, (vogelfrei), se refugiaram para as cavernas da serra, tendo levado os documentos e o necessário para o seu sustento. Uns fiéis caboclos do Rio Três Barras os supriram com o necessário para sua sobrevivência, mantendo sigilo absoluto.

É possível que um dia ainda será encontrado em Curitiba ou nas cavernas alguns documentos, revelando o segredo dos jesuítas refugiados.

Em 1988 fomos informados por velhos colonos do Rio Três Barras que a assim chamada "Capela dos Jesuítas" era um depósito muito movimentado aonde as embarcações traziam mercadorias de São Francisco e dali eram levados no lombo dos burros serra à cima.

greme os tropeiros e outros interessados construíram a escada Monte Crista que ainda hoje existe; tendo o Império mandado verbas para essa construção.

O local da Capela dos Jesuítas era simplesmente um grande depósito e a chamada Capela era uma construção para abrigar as pessoas e mercadorias. Isto nos foi relatado por um padre que afirmou que nunca soube de uma Capela ou padres à beira do Rio Três Barras.

Em 1989 fomos informados por um ex-morador da praia da Vigorelli, o jovem Harineu Jaschke, que havia atrás do Morro do Gibraltar num lugar conhecido também como Canta Galo várias casas de jesuítas. Falou-nos também que as casas eram construí-

das com pedra, óleo de baleia e cascalho.

Como este lugar fica localizado no continente, há 2 anos atrás todas as casas foram derrubadas com tratores.

Recebemos informações que um Sr. Küster possui algumas moedas de ouro com algarismos romanos, usadas pelos jesuítas.

O Sr. Egon Schulz que sempre se interessou e visitou a Capela dos Jesuítas e a Escada do Monte Crista nos enviou os índices de reportagens sobre o caminho do "Monte Crista", relacionados abaixo:

— "A Estrada Três Barras ou Caminho Velho", de Carlos Ficker, em A Notícia de 7, 8, 9, 11, 14 e 17 de agosto de 1963;

— "Picada do Monte Crista é do tempo do Império", de Jorge Silva, em A Notícia de 25/05/79;

— "Agricultor mostra "tesouro" do Monte Crista", de Herculano Vicenzi, em A Notícia de 30/05/1979;

— "Monte Crista: o tesouro dos jesuítas", de João Francisco, no jornal "Extra" de 12 a 19 de maio de 1979.

Em outubro de 1989 visitamos o Sr. Walter Küster em Três Barras que mostrou-nos as "MOEDAS DE OURO", que são 1 e 2 vinténs de cobre e mais uma moeda do Império e do Reino. O Sr. Küster disse-nos que provavelmente essas moedas foram perdidas num acampamento ao pé da escada de pedra por tropeiros. Sr. Küster nos informou que na floresta a alguns quilômetros de sua residência ele encontrou algumas jaboticabeiras que pelo tamanho devem ter mais do que 100 anos. Pelas informações que

obtiveram foram plantadas por ladrões, assassinos, etc., que fugiram e lá se esconderam e ficaram morando. Isto talvez esclarece o segredo de um dos caboclos.

O Sr. Küster está convencido que a escada de pedra foi feita pelos jesuítas e diz que no topo do Monte Crista há alguns mistérios; como por exemplo uma neblina que aparece de repente, e um certo ruído que se escuta das cavernas. Mas também o Sr. Küster nos contou que uma companhia de militares vasculhou todas as cavernas do Monte Crista e nada encontrou.

O livro "Terra Ôca" conta que nesta serra havia uma abertura para a entrada e saída de discos voadores; mas nenhum habitante de Três Barras viu ou ouviu um disco voador.

Tiramos do Jornal "Extra", de 12 a 19 de maio de 1979, algumas informações importantes que o Sr. Dagoberto Muller relatou ao repórter João Francisco:

"A escadaria do Monte Crista é na verdade uma obra impressionante. Ali, no seio de densas e brumosas florestas tropicais, tudo inspira mistérios. Como pesquisador, e pelo prazer de encontrar-me em contato direto com a natureza. Depois de minhas múltiplas excursões, acredito por muitas razões terem sido os padres jesuítas os construtores responsáveis pela abertura do Caminho do Três Barras, ou Caminho dos Jesuítas como é denominado por moradores do norte catariense".

#### CAMINHO DE MISTÉRIOS

"Quanto às escadarias, é algo que não consigo descrever. É uma

antiga estrada calçada. Os velhos moradores da região do Três Barras afirmam que ela se iniciava junto à desembocadura do rio, na Baía do Cubatão. Agora, os primeiros vestígios são encontrados quando inicia-se a subida das elevações que formam as fraldas da Serra do Mar. Há alguns anos, do local onde tinha-se que abandonar o carro, seguia-se o caminho dos Jesuítas por aproximadamente 122 horas até a chegada ao topo do Monte Crista. Este trajeto é feito sob espessas florestas habitadas por bandos de macacos".

Continuando a narrativa Dagoberto informa que nas regiões mais planas, talvez por efeito das intempéries e o passar dos anos as escadas estão em parte cobertas totalmente:

"Onde ela é visível está com largura aproximada de um metro. Entretanto na Serra foram construídas verdadeiras escadas com até três metros de largura. Os degraus não são altos, permitindo, quando em bom estado de conservação, o tráfego seguro de pessoas e animais.

Após transpor o Monte Crista, a estrada toma rumo por um pequeno vale e inicia um percurso rumo a Oeste desaparecendo (até onde pude pesquisar) sob os campos".

#### OS TROPEIROS

Dagoberto fala de outras testemunhas:

"Nos campos, eu mantive contato com tropeiros. Pessoas simples e hospitaleiras não têm preocupações com o passado. Não têm idéia formada sobre a origem das escadarias. Entretanto o pessoal da Região Três Barras, não tem

dúvidas em afirmar que foram os Jesuítas. Entretanto se existem confirmações para esta afirmação, eles devem estar no Monte Crista. Habitantes da região falam sobre cavernas lá existentes, onde os padres teriam se refugiado de perseguições do Governo Português e onde esconderam suas imensas riquezas. Lendas contam que ainda hoje, fantasmas dos antigos sacerdotes, nas noites mais escuras, caminham por entre grótões lançando gritos angustiantes. São guardiões ferozes, das riquezas, perseguindo e confundindo e afugentando aos ousados que tentem profanar o antigo esconderijo”.

E lembra uma das descobertas que fez:

“Numa de minhas viagens encontrei umas rochas, escondidas por um precipício que abrigavam a entrada de uma gruta. Não pude prosseguir nas investigações por não dispor de lanterna e uma arma a garantir-me contra possíveis animais que habitassem a caverna. Numa segunda viagem fui preparado. Mas ao procurar descer, embora o dia aparentasse bom tempo, repentinamente caiu um espesso nevoeiro. Fiquei impressionado. Terminei desistindo.

### CONCLUSÃO

Todos estes dados que obtive, são misteriosos e fantasia; pois uma lenda sobre a Ruína dos Je-

suítas e Monte Crista é muito mais interessante que a pura realidade.

Nós que pesquisamos há quase 70 anos chegamos à conclusão que a Ruína dos Jesuítas era um simples depósito para as cargas que vinham e desciam a Serra; Serra esta que já foi no século passado usada pelos Bandeirantes que iam ao interior da província, etc...

A Escada de Pedra foi construída pelos tropeiros ajudados com uma verba imperial.

A neblina, um fato que se pode observar indo para Curitiba, às vezes é muito densa e depois de alguns metros temos sol. Os gritos podem ser ecos ou coisa parecida.

Um único fato que não tem explicação são os documentos encontrados nas cavernas pelos trabalhadores de Garuva levados para Curitiba e que lá desapareceram; e o que diziam não se sabe.

Com isto, eu fecho a minha pesquisa com dados obtidos pela Ruína dos Jesuítas e Escada do Monte Crista.

Joinville / Novembro de 1989.

(\*) Relato de Hilda Anna Krisch, membro da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização, que durante anos pesquisou e colheu dados sobre a Capela dos Jesuítas e a Escada do Monte Crista.

## O PERFIL PSICOSSOCIAL DO IMIGRANTE

### Apolinário Ternes (\*)

Nossa reflexão, neste momento em que se inaugura as comemorações do centésimo trigésimo oitavo aniversário de fundação de Joinville, subdivide-se em cinco partes.

Nestas cinco subdivisões de um único tema — o perfil e o patrimônio psicossocial do imigrante — desejamos apresentar um painel desta aventura que tem sido a história da nossa gente e da nossa cidade.

Objetiva e sinteticamente, permitam-me os ilustres convidados desta cerimônia, que iniciemos nossa divagação.

### Parte I

#### O rompimento dos mundos

Nos últimos cinco séculos, a humanidade realizou um gigantesco esforço de transformação do mundo. As grandes realizações políticas e econômicas dos últimos 500 anos alcançam momentos de excepcional grandeza histórica e, destes instantes quase sagrados, não há dúvida que a descoberta do Novo Mundo e, duzentos anos depois, o processo de colonização, se inscrevem como dos mais importantes e decisivos para a história do homem sobre a face da Terra.

Em termos da América espanhola e portuguesa, este processo de colonização só aconteceu de fato dois séculos e meio depois, a partir de meados do século XVIII.

quando na Europa a Revolução Industrial e a Revolução Francesa começaram a redesenhar não apenas a geografia, mas a alterar definitivamente o cotidiano de milhões de pessoas.

Sacudidos da anestesiante letargia de quase um milênio de feudalismo, milhões de europeus foram jogados impetuosamente durante décadas pelos ventos transformadores da modernidade.

Arrancados do antigo regime, devorados pela angústia da instabilidade, despejados dos campos e perplexos pelos avanços do capitalismo e da liberdade política, milhões de europeus foram conduzidos inapelavelmente à conquista de novas terras. Em proporções milhares de vezes maior, a Europa do século XVIII reedita os episódios igualmente épicos da antiguidade clássica, quando os gregos primeiro e os romanos depois, desestabilizaram a geografia e revoluiconaram a economia, expandindo-se em grandes impérios. Só duas vezes, em milênios diferentes, a humanidade conheceu expansões tão radicais quanto fascinantes. Na segunda vez, os europeus desempenharam o papel de colonizadores de um novo mundo, soldados enfurecidos de sonhos e da utopia.

Expulsos do longo sono da estabilidade política e econômica, vieram para as Américas construir um mundo novo.

Em meados do século passado, quando foram iniciadas as colonizações de Blumenau e de Joinville, os imigrantes cedo descobriram que a aventura poderia se transformar em pesadelo e que construir aqui suas novas vidas e um novo país, poderia ser tão difícil — ou até mais — do que continuar em suas regiões de origem, no centro dos acontecimentos revolucionários de então.

Popularizou-se entre estes colonizadores da utopia, um provérbio que dimensiona e traduz com perfeição o desafio a ser vencido: "Uns, den tod. Den kindern, die not. Den enkeln, das brot." — Para nós, a morte. Para os nossos filhos, a necessidade. Para nossos netos, o pão".

Derrubaram florestas, navegaram distâncias, plantaram cidades, multiplicaram cemitérios e conquistaram o futuro. Por isto são eternos. Um capítulo de 150 anos de fantásticas transformações, ao fim do qual estabeleceram a civilização, o progresso e a modernidade em todo um continente.

## Parte II

### Os deserdados da modernidade

Pergunta-se: que idéia de futuro poderia ter um homem do centro da Europa em meados do século passado? A perspectiva do futuro lhe indicava o caminho das cidades e, nestas, o caminho das fábricas.

O mundo de seus pais e de seus avós acabara de se desintegrar. Não mais a rotina e a segurança. A batalha pelo pão de cada dia, todos os sinais mostravam uma única tendência, teria que ser

obtido através de um salário, depois de quase 80 horas semanais de árduo esforço. E no interior de fábricas úmidas, escuras, frias, sob o olhar severo do chefe. Salário que poderia significar muito mais a fome e o frio, do que a garantia de qualquer conforto.

O homem diante da incerteza, reage. O medo do futuro, é que move os homens e, de certa forma, move as engrenagens do mundo. Como vinha movendo todos os povos nos últimos cem anos, até chegar, quase por último, ao coração da Europa, na Alemanha.

O sentido de futuro para este homem cansado e amedrontado, chegava-lhe apenas na retrospectiva do passado. A raiz de suas apreensões, misturadas aos anseios e preconceitos, turvava-lhe a mente. De certa forma, inexistia a perspectiva de manter o cotidiano. O futuro era apenas um vácuo, uma promessa apenas da repetição do presente, ou seja, da completa insegurança de então, do medo e da ameaça de um desastre iminente.

Romper os laços. Fugir à prisão. Voar no limite improvável. Que efeito poderoso não provocou o novo mundo na cabeça destes homens deserdados de toda esperança?

Não apenas no homem comum, sem instrução e sem saber. Mas também nos letrados. Nos calejadados pelos revezes políticos. Também nos que alimentavam idéias empreendedoras, próprias daquele momento quase fáustico que vive a Europa. Assim, aos borbotões, por quase cinco décadas, jorraram famílias inteiras do centro da Europa para as novas terras. Vinham cheios de esperança, car-

regados de ilusão, motivados pela publicidade farta, fácil e sempre enganosa.

Alemães do centro e do Sul. Mas especialmente do Norte. Dinamarqueses. Suíços. Poloneses. Austríacos. Italianos. De todos os credos e de todas as raças. Alfabetos. Letrados alguns. Agricultores. Artesãos. Açougueiros. Alfaiates. Tecelões. Farmacêuticos. Serralheiros. Professores. Pastores. Padres. Enfim, cooptados pela publicidade ou aliciados pelas empresas colonizadoras, de serdados ou não, tinham nas novas terras uma promessa de futuro. Tendo a imaginação como companheira e a aventura como sentimento, eles vieram todos com um único propósito: não voltar jamais!

### Parte III

#### O chão da guerra e da paz

Este chão que pisamos acolheu o primeiro herói da colonização no dia 27 de dezembro de 1851. O ex-tenente da marinha de Schleswig-Holstein, de nome Carl Andreas von Bürow, sepultado aqui no dia 27 de dezembro falecera justo no dia seguinte ao Natal do primeiro ano de fundação de Joinville, conforme os levantamentos da historiadora Hilda Krisch. O Cemitério dos Imigrantes, nesta que era então a "Schweizer-Pikade" — ou o Caminho do Meio — foi implantado pela Sociedade Colonizadora Hamburguesa depois que dezenas de imigrantes foram sepultados num cemitério provisório na atual Rua 9 de Março, nas imediações do terreno que hoje acolhe a tradicional Farmácia Catarinense. A

partir de dezembro de 1851 os sepultamentos ocorreram neste campo santo, até o ano de 1913. Daquele ano em diante, somente foram enterrados aqui os corpos das pessoas cujas famílias já detinham espaços previamente adquiridos. Em 1913 passou a funcionar o nosso atual Cemitério Municipal, na Rua Ottokar Doerffel, cujo corpo, aliás, se encontra neste cemitério desde o ano de 1906.

Ilustres joinvilenses estão neste cemitério. Cerca de 4 mil corpos foram sepultados aqui e a sua preservação constitui o reverencial respeito que as novas gerações dedicam aos que construíram a nossa cidade.

### Parte IV

#### O patrimônio psicossocial

O poeta alemão Goethe nos diz: "O legado dos antepassados, conquiste-o para merecê-lo". A História é a permanente reconquista de muitos legados. Cultivamos a História para compreender o presente à luz do passado. O tempo continua sendo o maior enigma de todos nós, por isto o homem se debruça diante da História para compreender o que é e o que faz. O legado dos nossos antepassados, é a cidade que temos. A cidade dos nossos netos, será a Joinville que estamos construindo hoje. Estes bravos colonizadores europeus transmitiram ao Brasil uma notável herança. Um patrimônio de princípios éticos e morais. Um arsenal de exemplos de bravura, de ousadia, de perseverança. Eles acreditaram. Acreditaram neles mesmos. Na capacidade de realizar, de empreender, de construir. Não apenas praças

e jardins, fábricas e escolas. Mas na construção de um arcabouço filosófico, político e cultural. Um arcabouço material, representado pelos diferentes ciclos econômicos da nossa história: da exploração da madeira primeiro; depois a erva-mate. Depois o comércio, mais adiante as indústrias. A Manchester Catarinense, cidade de chaminés e bicicletas. De flores, de teatro e música, de ginástica, de igrejas e maçonaria, de jornais e de política. Nos legaram uma cidade exemplar, forte material e espiritualmente. Estes anônimos heróis sepultados neste chão sagrado, encharcado de lágrimas e saudades!

Este é o patrimônio psicossocial da nossa Joinville. Um sólido conjunto de princípios, de tradições, de valores. Enfim, de trabalho e de cultura, de produção e de lazer. De espiritualidade, ao lado de esforço físico na construção da materialidade.

Um legado imenso, que torna ainda mais difícil a responsabilidade de joinvilenses de hoje, na confecção de um presente melhor e de um futuro mais digno, tão humano, fraterno e solidário quanto os tempos dos homens que aqui foram sepultados.

### Parte V

#### Da utilidade da História

Gostaria de encerrar este brevíssimo passeio pelo tempo, colocando algumas considerações fi-

nais em torno desta cerimônia e deste ato. Estamos aqui, todos, autoridades e povo, governantes e governados, para depositar o calor do nosso respeito aos que nos antecederam. Talvez não tenhamos agora, a plena consciência deste gesto. Mas estamos fazendo História. Estamos unindo o passado ao presente. Estamos espiando o passado, para acreditar no futuro. Estamos soldando, como soldados da esperança, o legado dos que nos antecederam, com o nosso próprio legado. A História é o homem. Sem ele não há História. As sociedades que respeitam a História, se tornam mais aptas para o futuro, errando menos no presente. Os tempos dos que aqui repousam foram difíceis, como vimos, mas ainda assim, nos herdaram comoventes lições de vida. A História serve para isto para cultivar a vida. Por isto somos uma cidade diferente: cultivamos a nossa História e estamos permanentemente cheios de vida, esfomeados de futuro. Não há como fugir, o passado é o ponto de referência, tanto do homem quanto das cidades. Respeitemos, portanto, o nosso passado, cultivando a cada dia a nossa História!

Muito obrigado!

---

(\*) Palestra proferida na "Semana da Joinville", em março de 1988, na solenidade anual realizada no Cemitério do Imigrante.

## A TÊMPERA DOS HERÓICOS PIONEIROS

DR. LUIZ GOMES (\*)

Prefeito Municipal de Joinville

— Sociólogos e humanistas, dentre os diversos estudiosos do comportamento dos povos, em todas as épocas, têm convergido nas conclusões de que duas forças, em especial, influem resolutamente na decisão das pessoas de permanecer num determinado lugar, ou dele partir, assumindo até as últimas conseqüências o resultado da opção adotada. São, tais forças, a atávica e a telúrica.

— A primeira diretamente relacionada aos aspectos da etnia, do sangue, da formação das nações. A outra falando mais diretamente ao apego à paisagem, para traduzir o amor à terra em que se nasceu ou onde se vive, pelos liames que identificam as pessoas com o meio em que se relacionam le modo mais estreito.

— Ocorrem-nos tais pensamentos quando procuramos avaliar, com a profundidade que se impõe, o merecimento que deve ser atribuído aos nossos bravos imigrantes, que ora vimos homenagear, na abertura das festividades do dia do aniversário de Joinville, pela grande, corajosa e feliz aventura que decidiram empreender, há 138 anos atrás, rumando para um mundo novo, desafiador e desconhecido, cuja culminância foi a fundação desta magnífica cidade em que vivemos.

— Ainda que as circunstâncias determinantes da decisão por eles tomada tenham sido as mais fortes, envoltas em aspectos político-

sociais e de desejo de progresso pessoal ou mesmo de sobrevivência, face às transformações que a Europa vivia, com os desdobramentos e conseqüências da Revolução Industrial por que o Velho Mundo passava, não há dúvidas de que era preciso muita coragem, arrojo e capacidade de resolução, para assumir um passo tão definitivo, de uma viagem sem volta, como foi para quase todos eles.

— Que lutas íntimas viveram! Quando pouco, ao menos para suplantarem os apelos dessa força atávica a que nos referimos, deixando parentes próximos para trás, com os quais até mesmo a comunicação escrita seria — como foi — difícil e demorada, tão poucos e lentos eram os recursos postais da época.

— Também o aspecto telúrico cumpre considerar. Se bem que o solo-mãe, de uma ou de outra forma, se mostrasse hostil naqueles tempos, seja pelas graves escaramuças políticas, seja pela exploração da mão-de-obra ou falta de melhores oportunidades para os artesãos mais qualificados, deixar para trás o berço do próprio nascimento, a paisagem e panoramas que emolduraram tantas emoções pessoais e, por certo, cultivares diversos — os mais simples até —, que tanto fazem a alegria e trazem o elo de comunicação entre a terra produtiva e aqueles que a amanhã, é ato de ousada intren-

pidez — permitam-nos o pleonasmo — de que só são capazes os que se entregam de corpo e alma a uma grande causa.

— É preciso muito esforço de memória e singular capacidade imaginativa para que aquilatem, com alguma expressividade, o que foi a epopéia desse pugilo de homens, mulheres e crianças que, a bordo da lendária barca "Colon", enfrentou as vicissitudes e perigos de uma viagem marítima nada breve, para dar forma e conteúdo ao seu sonho de progresso, na fundação de Joinville, em 9 de março de 1851.

— E, com certeza, o amor à pátria distante foi-se transmudando, passo a passo, para a nova terra que adotaram como sua, num crescendo sublinhado pela descendência que aqui começou a brotar, lançando em bases definitivas o amálgama que cristalizou, para o resto dos tempos, sua identificação com a cidade, cuja construção iniciaram.

— Não é à-toa, portanto, que Joinville seja hoje uma terra tão procurada, progressista e feliz, a despeito dos enormes problemas que a afligem presentemente e que desafiam o poder público na promoção de soluções.

— A têmpera desses heróicos pioneiros que principiaram a sua edificação moldou o espírito realizador da população que, não obstante a natural miscigenação experimentada e o afluxo sempre crescente de pessoas que para cá têm acorrido ultimamente, em especial nas três décadas mais recentes, mantém sua característica de devotamento ímpar ao trabalho, fator responsável pelo cons-

tante e vertiginoso crescimento que todos temos testemunhado no Município e que o Brasil e boa parte do mundo conhecem.

— A memória de Joinville tem procurado corresponder a este formidável merecimento dos nossos ancestrais. Seus exemplos dignificantes, além de bem documentados em publicações as mais diversas, que enriquecem o acervo de nosso Arquivo Histórico, são permanentemente evocados nos eventos mais marcantes da Cidade, de modo notório ao ensejo de promoções culturais ou de cunho festivo, como as que consubstanciam a presente programação de aniversário.

— Este belo Monumento ao Imigrante, obra do saudoso artista conterrâneo Fritz Alt, tem-se mantido, ao correr dos anos, como significativa síntese do culto que todos devemos àqueles que nos deixaram tão precioso legado, com a materialização de Joinville.

— Nada melhor, assim, que no dia maior da Cidade, na própria data do seu aniversário, suspendamos um pouco o lufa-lufa quotidiano e prestemos-lhe toda a homenagem que ela merece, enaltecendo, diante do obelisco dedicado aos seus fundadores, sua empolgante realidade e seus grandes valores, dentre eles o maior de todos, que a sua própria população.

— Que a contemplação deste símbolo, ao mesmo tempo tão singelo quanto augusto, nos inspire a prosseguirmos, com destemor, o exemplo de coragem e desprendimento dos bravos imigrantes que exalta e que tanto respeito nos infundem.

— Somos eternamente gratos a esses imortais e audazes pioneiros, por nos permitirem dizer agora, alto e bom som: PARABÊNS JOINVILLE, nos seus 138 anos de fundação. Que teu povo possa ser cada vez mais próspero, realizado e feliz. E que sejamos dignos da honra dele recebida, de condu-

zir teus passos na busca desta plena realização.

— Muito obrigado!

(\*) Luiz Gomes, prefeito de Joinville, pronunciou este discurso na abertura dos festejos de 138 anos da cidade, em 9 de março de 1988.

## A MULHER — PERSONAGEM CHAVE DA LITERATURA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ DE SC

PROF. VALBURGA HUBER (\*)

A Literatura em língua alemã — também chamada Literatura teuto-brasileira — teve suas manifestações mais significativas nos estados do sul com destaque ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Desde os primórdios houve entre as levas de imigrantes alemães intelectuais de portes diversos, responsáveis pela divulgação da cultura nas colônias e também em alguns centros urbanos. Esta Literatura teve seu apogeu no final do século passado e primeiras décadas deste século, pois, absorvidos pelo trabalho de fundação e desenvolvimento das colônias alemãs, os imigrantes só tiveram maior disponibilidade para escrever mais intensamente décadas depois de sua chegada, época em que encontraram maior público leitor.

Os meios de divulgação desta Literatura são: Almanques, (os famosos "Kalender") jornais, revistas e, em menor escala, livros. Estes constituem, portanto, as fontes primárias de pesquisa do

assunto, ao lado de estudos e levantamentos feitos sobretudo por autores alemães.

A 2ª Guerra mundial marca o término desta expressão cultural de um grupo étnico, pois, com a proibição do idioma alemão e o fechamento das Escolas alemãs foi, conseqüentemente, proibida qualquer manifestação cultural nesta língua. Isto só voltou a acontecer anos mais tarde, em publicações esparsas sendo que, passando por uma ligeira fase de bilinguismo, a imigração voltou a ser tema literário predominantemente em português (na prosa). Na Lírica houve manifestações importantes ainda em alemão, mesmo depois deste período. Na região do Vale do Itajaí, é interessante aqui salientar, houve recentemente um resgate do tema da Imigração alemã nos romances da escritora blumenauense Urda Klüger, agora, naturalmente em português, tendo o mesmo tema sido abordado em filmes.

Estilisticamente essa Literatura é uma herança alemã e guarda

formas adquiridas antes da imigração, sendo o material narrativo constituído pela própria imigração, pelas colônias, pelas impressões, reações, memórias e reflexões unidas pelo "Eu" do escritor. Temas humanos e filosóficos são também abordados pelos descendentes alemães principalmente. Nesta Literatura há o brilho individual de cada escritor. Não houve uma escola literária. Na realidade, os escritores sofreram quase sempre um duplo isolamento: do Brasil — já pelo idioma em que escreviam — e da Alemanha pela distância geográfica.

A TEMÁTICA desta Literatura — o seu "Leitmotiv" — é a imigração como ato, fato e aventura. Como experiência única, profunda e marcante, ela significa um corte, uma censura na vida individual e social da pessoa. As reações a esta experiência constituem a maneira de sentir e ser — a sensibilidade, a espiritualidade — do teuto-brasileiro. O escritor é o porta-voz desta experiência e a compartilha com o público através de uma literatura própria; especial. Nela, o escritor e o leitor se identificam pelo "PATHOS" (do grego: sofrimento, trauma, ruptura) da imigração — segundo Werner Aulich, grande estudioso deste assunto. É a força do "pathos" que torna uma personalidade escritor, pois é ele que apara, transforma as características européias e esta metamorfose se manifesta por mudanças poéticas, por uma Literatura específica da qual a Lírica é a melhor expressão. É Werner Aulich que afirma também que a repercussão reduzida desta literatura na Europa se deve também as particularidades poéticas de-

terminadas pelo "pathos" da imigração, algo distante e muitas vezes ininteligível para os que não o vivenciaram.

Como sub-temas — tanto da lírica como da prosa — temos: civilização x primitivismo (os índios têm aqui papel de destaque); velha pátria x nova pátria e, subjacente a tudo, já imanente no processo Emigração-Imigração — como partida-chegada, término-comêço, velho-novo — está o DUALISMO. Há sempre o jogo de duas realidades: Europa e América; passado e futuro; saudade e esperança. O imigrante é um homem de dois rostos: um voltado para o passado e o outro para o futuro e também um homem de duas almas: uma repleta de saudade, nostalgia e a outra de esperança. Há uma oscilação entre as duas características do alemão — em última análise, de todo ser humano — ou seja: a "Heimweh" (nostalgia da própria terra) e a "Fernweh" (a ânsia de conhecer o longinquo, o futuro). Esse dualismo transparece já nos nomes das poesias de autores "alemães-catarinenses" importantes (geralmente professores das escolas alemães ou ligados a Imprensa teuto-brasileira). Entre as poesias de Victor Schleiff: "Alte und Heimat" (Velha e nova pátria); "Heimweh" (Saudade); "Reminiscere"; de Georg Knoll: "Erinnerung" (Lembrança); "Teuto-brasilianer"; de Rudolf Damm: "Die Pioniere" (Os pioneiros); "Deutsche Worte, deutsche Weisen" (Palavras alemã, melodias alemãs); "Mein Vaterhaus" (Minha casa paterna) ou ainda, de Ernst Niemeyer: "Den Deutschen in der Fremde" (Aos alemães em terra estranha) entre outros. —

A oscilação entre dois universos geográficos e culturais, vivenciando um dualismo em todas as dimensões é a realidade do imigrante que, no seu processo de assimilação, experimenta uma fase conflituosa em que se situa no limite das duas culturas, numa posição marginal e com dupla consciência. Na afirmação de Emilio Willems — outro grande pesquisador da Imigração alemã no Brasil — “O imigrante se olha em dois espelhos, sente-se ligado a dois juízos coletivos. Daí suas atitudes contraditórias, sentimentos e atitudes ambivalentes”. Mas é essa dualidade que também o enriquece e lhe dá força para recomeçar, construir um novo mundo. Toda esta problemática é expressa magnificamente na prosa — romances e contos principalmente — a maioria de autoria feminina (na região do Vale do Itajaí que analisaremos mais detalhadamente). O desejo de preservar inicialmente o “Deutschtum” (Patrimônio cultural alemão) e mais tarde o “Deutschbrasilianertum” (Patrimônio cultural teuto-brasileiro) aparece tanto na literatura como na Imprensa da época. Foram as duas Guerras mundiais que trouxeram à tona a conscientização desta dualidade (que para os alemães, já pelo seu critério sanguíneo de determinação da nacionalidade não é uma contradição) e a “nacionalização” trouxe conflitos traumas e sofrimentos ainda não totalmente superados nas regiões de colonização alemã. Também estes aspectos são abordados na literatura teuto-brasileira, mas de uma maneira velada e discreta.

Em Santa Catarina, esta Literatura chama a atenção imediatamente — sobretudo na região de

Blumenau — pelo número marcante de mulheres escritoras que dominam o cenário literário. A MULHER é não só a grande figura como escritora mas também personagem chave desta literatura, sobretudo na prosa. Entre as personagens mais comuns temos: o imigrante, sua mulher, seu filho e, em escala menor: o luso-brasileiro, o índio, o africano e imigrantes de outras etnias. O imigrante é retratado com seus sonhos, sucessos e fracassos e em torno do filho do imigrante giram as preocupações quanto à manutenção da cultura ancestral e também quanto à sua aceitação na nova sociedade. A mulher surge como a protagonista central na preservação da nacionalidade e cultura alemãs e na formação da nacionalidade brasileira, no desenvolvimento do amor pela nova pátria, o que ela faz através da tradição oral, contando estórias e contos de fadas, reminiscências e cultivando o canto, entre outras coisas. Ela é a companheira incansável e mesmo a mulher “colona”, por vezes amarga ou desencantada, tem como traços de personalidade a dedicação, a persistência, a confiança de que seu sacrifício vale a pena.

Santa Catarina, estado caracterizado por sua pluralidade étnica — residindo aí possivelmente a sua identidade — tem nas duas cidades de origem alemã também uma literatura em língua alemã condizente com o progresso econômico destas comunidades. Embora Joinville tivesse o primeiro jornal (o popular “Kolonie Zeitung”) Blumenau teve também 2 jornais em língua alemã que — ao lado dos almanaques catarienses e gaúchos — eram veículos da literatura Teuto-brasileira des-

ta região ("Blumenauer Zeitung" e o "Urwaldsbote").

Viveram e escreveram em Blumenau vários escritores dos quais podemos destacar: Gertrud Gross Hering (autora de mais de dez romances) e sem dúvida a mais representativa desta literatura na região; *Emma Deeke* e seu marido José Deeke e *Therese Stutzer*. Nos romances e contos destes autores é a imigração o tema central e são comuns as antinomias: Selva x cidade; amor x dever; alemão x luso-brasileiro e teuto-brasileiro (o descendente) x alemães natos (chamados pejorativamente de "Neudeutsche", ou seja, "alemães novos". Outros traços típicos são: pioneirismo dos alemães, descrições das colônias, valor da propriedade, liberdade, vida social, virtudes como persistência, paciência, e solidariedade, entre outras. São estas características que aparecem nos romances e contos que trazem, significativamente, nomes de mulheres: "*Marie Luise*" (de Therese Stutzer); "*Elise Lingen*" (de Gertrud Gross Hering) "*Der Weg der Frau Agnes Bach*" (também desta última) e aqui acrescentamos "*Liebe und Pflicht*" (Amor e Dever) (de Emma Deeke) cuja protagonista central é também uma mulher. Estas personagens às vezes são cópias, disfarces, transposições, mas todas já acrescidas dos dados da imaginação do escritor. São dualistas, conflituosas, oscilam entre dois mundos mas em todas há a noção clara do dever — que está acima do amor — e esta noção está ligada ao futuro, ao que há para construir, apesar da saudade ou decepções. Nos romances e contos citados, o amor se identifica com a pátria de ori-

gem geralmente, mas também pode ser a segunda pátria — raramente — pois a esta se está mais unido pelo dever. Amar aqui é mais que a admiração por sua beleza, exotividade, é fruto de convivência, da harmonia, uma conquista lenta, portanto, e é essa atitude que é ensinada aos filhos. Igualmente entre os escritores teuto-brasileiros da Região de Joinville e S. Bento destaca-se uma grande escritora, poetisa e historiadora: Elly Hékenhoff. Ao lado de Arnst Niemeyer e Wolfgang Ammon, forma o grupo de escritores mais expressivo.

A viagem aparece em todas estas criações — para o Brasil ou no Brasil — como símbolo da busca de um novo mundo e de uma nova vida. Trata-se de uma manifestação tardia do romantismo seja na temática (imigração como grande aventura), seja no estilo (que alcança seus melhores momentos nas descrições de um ser dividido e da natureza exuberante aqui encontrada e ainda na linguagem: simples, popular, próxima do povo. (Com uso esporádico de dialetos). O sentimento íntimo que anima esta Literatura é dividido, o dualismo está no seu cerne.

O regional torna-se aqui universal no sentido de que o imigrante é protótipo do ser humano — nômade e migrante na sua essência — e a imigração torna-se metáfora da vida humana — eterna viagem, busca, procura da completude.

(\*) (Comunicação baseada na Dissertação de Mestrado: "SAUDADE e ESPERANÇA — O Dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura")

# A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

(Primeira parte)

ELLY HERKENHOFF (\*)

Sob o título original alemão "Die Sklaverei in Brasilien" foi publicado o artigo abaixo no "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) dos dias 17 de junho e 1, 15 e 22 de julho de 1871 ou seja, poucas semanas antes da proclamação da Lei do Ventre Livre. O artigo não traz o nome do autor, mas tudo leva a crer que tenha sido o jornalista e advogado Carl Julius Parucker, então editor responsável do jornal, fundado a 20 de dezembro de 1862, por Ottokar Doerffel, em Joinville.

Carl Julius Parucker nasceu a 2 de dezembro de 1826 na Saxônia, hoje parte integrante da República Democrática Alemã e faleceu a 12 de abril de 1902 em Joinville. Tendo se formado em 1853 pela Universidade de Leipzig, veio para o Brasil em 1854 por motivos políticos e em 1856 naturalizou-se brasileiro. Foi professor em várias escolas rurais e a partir de 1861 professor e advogado em Desterro (Florianópolis). A partir de 1864 até 1876 tradutor oficial na Diretoria de Imigração do Rio de Janeiro e em 1870 voltou definitivamente para Joinville, onde assumiu a direção do "Kolonie-Zeitung" em janeiro de 1871, ao mesmo tempo em que voltou a advogar. Foi procurador da Câmara Municipal de Joinville, Coletor Imperial, Juiz de Paz e Delegado de Polícia por vários períodos. Condecorado pelo Impe-

rador D. Pedro II com a Ordem da Rosa. Carl Julius Parucker foi um dos mais férteis poetas e assíduo colaborador do "Kolonie-Zeitung", mesmo depois de ter deixado a direção do jornal, em janeiro de 1873, quando o "Kolonie-Zeitung" passou às mãos de Carl Wilhelm Boehm. A 9 de abril de 1855, Carl Julius Parucker se casou em Joinville, com Pauline Amalie Trinks, imigrada com seus pais e irmãos da mesma localidade e no mesmo veleiro, em novembro de 1854, tendo 14 filhos do seu matrimônio. (1)

Eis a tradução da série de artigos publicados no "Kolonie-Zeitung":

## A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

(Primeira Parte)

(Publicada a 17 de junho de 1871)

O costume de escravizar os prisioneiros de guerra veio transmitido dos povos ateus aos povos cristãos. Deste modo, mesmo após a introdução do cristianismo, os povos europeus continuaram mantendo a escravatura, embora os princípios cristãos e o empenho da Igreja tivessem conseguido uma certa amenização no tratamento dos cativos. Somente a partir do Século XIII foi sendo abolido o costume de escravizar os prisioneiros de guerra — exceto no que se refere aos presos ateus. A le-

gislação de Portugal demonstra, que no início do Século XVII foram escravizados soldados mouros, capturados pelos portugueses. Portanto, a escravização dos índios brasileiros — ateus que eram — por parte dos portugueses, correspondia tão somente aos costumes da época.

Logo após a descoberta de Cabral, os donatários receberam as terras no Brasil das mãos do Rei D. João III em autos de doação, nas quais lhes era expressamente outorgado o direito da escravização dos indígenas, a fim de aproveitá-los no serviço ou exportá-los — em determinado número — para Portugal, onde eram vendidos.

Cabe aos jesuítas o mérito de terem tomado providências, visando a proteção dos pobres índios e terem se empenhado para arrancá-los dos grilhões da escravatura. O seu real discípulo, D. Sebastião — que mais tarde viria tombar na luta contra os mouros — foi o primeiro a tentar a limitação da escravatura dos indígenas brasileiros, criando a Lei de 20 de março de 1570, segundo a qual seriam livres todos aqueles não capturados em guerras justas — lei esta confirmada pelo Rei D. Felipe II, a 11 de novembro de 1595. O Rei Felipe III foi além, promulgando as Leis de 5 de junho de 1605 e 30 de julho do mesmo ano, segundo as quais mesmo os índios capturados em guerras justas, não mais poderiam ser escravizados.

Como, no entanto, os colonizadores portugueses levantassem protestações contra aquele dispositivo, D. Felipe III decidiu recuar na interdição absoluta, determinando, a exemplo de D. Sebastião, que somente os aprisionados em

guerras justas poderiam ser escravizados, estabelecendo ao mesmo tempo as condições de uma tal "guerra justa". Além disso, porém, seria legal a escravização dos indígenas presos de outras tribos de índios, capturados ou comprados pelos colonizadores, sendo que a escravatura não poderia ultrapassar o espaço de 10 anos, nos casos comuns. No entanto, os colonos portugueses de um modo geral pouco se importaram com as leis promulgadas em benefício dos indígenas, escravizando-os aos milhares, sempre que lhes era possível capturá-los. E como os jesuítas se erguessem contra tais abusos, foram eles repetidamente caçados, conforme se verificou principalmente em São Paulo.

O Rei D. João IV mais uma vez tentou estabelecer as regras da "guerra justa" contra os indígenas e amenizar a sua escravatura por uma Lei de 9 de abril de 1665, sem no entanto conseguir abrandar sensivelmente as condições existentes. Tampouco o Rei D. Pedro II obteve êxito, com a Lei de 1º de abril de 1680, que visava garantir plena liberdade aos índios e aos seus bens, assim como ao seu comércio. Foi somente a partir de 30 de dezembro de 1741, pela Bula do Papa Benedito XII e pelas Leis de D. João I, de 6 e 7 de junho de 1755 — as quais declaravam livres os indígenas, subordinados espiritualmente aos Bispos e politicamente aos Juizes — que a situação dos índios, até então proscritos, foi se modificando aos poucos, pondo fim a sua arbitrária escravização.

No entanto, mais uma vez se retornaria ao sistema antigo quando, pelas prescrições reais de 13 de maio e 5 de novembro de 1808,

declarou-se guerra aos botocudos de Minas Gerais e aos bugres de São Paulo, determinando ao mesmo tempo, que os botocudos mineiros, uma vez capturados, seriam forçados à servidão aos chefes militares, pelo espaço de 10 anos ou mais e os bugres de São Paulo à servidão de 15 anos a qualquer soldado ou qualquer cidadão que os capturasse.

Tais prescrições foram por sua vez anuladas pela Lei de 27 de outubro de 1831, que veio libertar todos os indígenas da escravidão, declarando-os órfãos, subordinados à competência do Juizado de Órfãos e instruindo os Juizes de Paz no sentido de vigiarem a liberdade dos índios, combatendo quaisquer abusos. Hoje em dia não se admitem senão os meios pacíficos para induzir os índios a abandonarem as suas florestas e aceitarem a civilização. Tanto o Governo Imperial como os Presidentes têm obrigação de promoverem a catequização e a fixação dos índios, sendo que o ato adicional do Art. 11, Parágrafo 5 da Constituição menciona especificamente a obrigação das Câmaras Provinciais, em colaboração com o Senado, de promoverem a catequização e a instrução dos indígenas.

Quando hoje se fala em abolição da escravatura, esta não mais se relaciona com os índios — totalmente livres — mas sim com os negros importados da África e seus descendentes.

Assim que teve início a colonização do Brasil, foram também importados negros da Guiné como escravos, porque estes, devido a sua constituição robusta, se prestavam mais aos trabalhos pesados, do que os índios, mais franzinos.

Tal importação foi se avolumando, mais e mais, à medida que a lavoura se desenvolvia e a captura de índios foi sendo limitada e travada pelo governo. Embora a Lei de 19 de setembro de 1761 declarasse livres todos os escravos desembarcados em Portugal e a Lei de 16 de janeiro de 1773 abolisse inteiramente a escravatura no Reino de Portugal, continuou ela persistindo vigorosamente nas colônias portuguesas e sobretudo no Brasil, onde a importação de negros crescia de ano para ano. E foi somente quando a Inglaterra proibiu a escravidão em suas colônias — ao mesmo tempo em que tomou medidas severas contra o tráfico de negros — e que teve início um certo progresso, favorecido pelo tratado com a Inglaterra de 22 de janeiro de 1815 e a convenção adicional de 28 de julho de 1817, nos quais Portugal se comprometia a coibir o tráfico nos portos da África. O Brasil se obrigava, pelo tratado de 23 de novembro de 1826 com a Inglaterra, a proibir o tráfico de africanos por parte de brasileiros, 3 anos após a troca da ratificação do tratado, quando, a partir de então, o tráfico seria considerado pirataria. Para a execução do tratado, foi promulgada a Lei de 7 de março de 1831, que dellarava livres todos os escravos aportados em território brasileiro, com exceção daqueles inscritos como marinheiros ou fugitivos de país estrangeiro. Segundo a mesma Lei, os traficantes sofreriam a pena de 3 a 9 anos de prisão, além da multa de 200 mil réis por cada escravo importado e do pagamento das despesas decorrentes da viagem de volta para a África. Ainda segundo a mesma lei, seria paga uma

gratificação de 30 mil réis por cada escravo, a qualquer denunciante de tráfico de africanos ou de africanos já importados. Como, porém, o tráfico de africanos continuasse, mesmo após a promulgação da referida lei, novas medidas, mais severas ainda, foram tomadas, segundo a Lei de 4 de novembro de 1850 e os Decretos de 14 de outubro e 14 de novembro do mesmo ano, desferindo assim o golpe mortal ao tráfico de escravos para o Brasil. Ao mesmo tempo, os cruzadores ingleses iam aniquilando qualquer navio negreiro, sendo provável, que desde 1850 tenham sido pouquíssimas as tentativas de tráfico da África. E como nos últimos 10 anos não mais foram feitas quaisquer tentativas, poderemos afirmar com toda a convicção, que o tráfico para o Brasil foi definitivamente extinto. Pela disposição governamental de 10 de maio de 1856, foram também declarados livres os escravos que retornaram para o Brasil, depois de terem abandonado o Império, por ordem de seu dono ou por quaisquer outros motivos, exceto a fuga.

Quantos aos escravos que fugiram para o território de países vizinhos, com os quais o Brasil mantém convênios, a devolução aos seus donos será feita da seguinte maneira: 1) A respectiva petição deverá ser redigida diretamente pelo Governo Imperial ou pelo embaixador brasileiro, atuante no país em que o escravo se achar asilado ou 2) pelo Presidente da Província em que se achar domiciliado o dono do escravo ou 3) pelo dono do escravo, perante as autoridades do lugar em que se encontrar o fugitivo,

caso o próprio dono ou um seu encarregado estiverem empenhados na perseguição do cativo. 4) Deverá ser anexada à petição o título de propriedade e 5) as despesas decorrentes da apreensão e devolução do fugitivo correm por conta do reclamante. Tais convênios existem com o Uruguai (12 de outubro de 1851), Peru (23 de outubro de 1851) e Argentina (14 de dezembro de 1857). Devido à grande extensão da fronteira com o Uruguai — completamente aberta — e ainda pelo fato de muitas fazendas brasileiras de criação de gado se estenderem para dentro do território uruguaio, é absolutamente impossível admitir que qualquer escravo, que pisar em território uruguaio com permissão de seu senhor, seja de pronto liberto.

Assim sendo, os dois governos concordaram em estender a devolução dos escravos para os seguintes casos: 1º) quando os escravos por simples acaso atravessarem a fronteira, com permissão de seu dono, por exemplo durante a perseguição de um animal desviado para o território oriental e 2º) caso as propriedades de seu dono se estenderem para dentro do território uruguaio e conseqüentemente os escravos venham a pisar casualmente ou em serviço permanente, a parte das terras situadas em território oriental.

Eis aí um breve relato da escravatura até os mais recentes empenhos para a sua abolição no Brasil.

---

(\*) Elly Herkenhoff, historiadora e tradutora do Arquivo Histórico de Joinville, é autora de vários livros.

# RELATÓRIO

## 1. ARQUIVISTICA

No decorrer deste ano foram remanejados funcionários de outros setores do AHJ para auxiliar e acelerar os trabalhos neste setor. Na elaboração dos inventários, realizamos "descarte" de duplicatas e de diversos materiais que não fazem parte da linha de acervo de arquivo histórico.

### 1.1 DOCUMENTOS MANUSCRITOS E DATILOGRAFADOS

Finalizamos os trabalhos de inventariação dos fundos "Domínio Dona Francisca" e "Prefeitura Municipal de Joinville". Criamos os fundos "Direção da Colônia" e "Cartório Eleitoral", este último, devido a vasta documentação doada pelo Fórum neste ano de 1989. Este material já está inventariado e devidamente acondicionado.

### 1.2 ACERVO FOTOGRÁFICO

O setor conta com um arquivo primário composto de 360 assuntos, constantemente acrescido por doações.

Os trabalhos de identificação, catalogação e arquivamento estão sendo desenvolvidos conforme instruções recebidas do Pró-Preserv (Centro de Preservação e Conservação), do Rio de Janeiro, no qual uma funcionária deste setor estagiou durante uma semana do mês de março.

Elaboramos um fichário UNITERMO, para acesso direto de pesquisadores, com 120 fichas que estão ordenadas cronologicamente. No mês de junho, realizamos um trabalho junto à Comunidade da Estrada da Ilha, quando nos foram doadas 250 fotografias, as quais já estão higienizadas, identificadas, acondicionadas e à disposição de pesquisadores.

Realizamos a higienização, identificação e acondicionamento de 310 fotografias e 464 chapas de vidro.

## 2. SETOR DE IMIGRAÇÃO E TRADUÇÕES

Os trabalhos de imigração estão sendo desenvolvidos junto ao setor de informática, onde estamos elaborando sistemas para armazenamento dos dados relacionados à imigração, no micro-computador.

Foram realizadas traduções de listas de imigrantes dos anos de 1870 e 1877.

## 3. BIBLIOTECA

Realizamos a seleção, o descarte e a reorganização de periódicos (boletins de empresas, jornais e revistas).

Recebemos da Assessoria de Imprensa diversos recortes de jornais, os quais selecionamos e incorporamos aos recortes já existentes no acervo.

Iniciamos a elaboração do inventário do acervo documental da Biblioteca de Apoio.

#### 4. SETOR DE INFORMÁTICA

Elaboramos programas para armazenamento em banco de dados dos inventários relacionados com:

— periódicos (jornais, revistas e boletins de empresas)

— acervo cartográfico (mapas, quadras, etc)

Os programas para o sistema de imigração estão em fase de implantação.

Prestamos serviços de digitação e impressão de endereços para o Museu Arqueológico do Sambaquí, a Casa da Cultura e o Museu de Arte.

#### 5. ENCADERNAÇÃO

Foram encadernados 137 volumes, entre jornais e diários oficiais.

#### 6. HISTÓRIA ORAL

Temos atualmente 7 entrevistas gravadas, transcritas, datilografadas e doadas ao Arquivo Histórico pelo entrevistado.

Neste ano foram realizadas as seguintes entrevistas:

— em março, Gerda Hagemann, entrevistada por Raquel S. Thiago

— em junho, Oswaldo Cristiano S. Thiago, entrevistado por Raquel S. Thiago

— em junho, João Guilherme Spring, entrevistado por Raquel S. Thiago

— em setembro, pastor Gebhard Dauner, entrevistado por Apolinário Ternes, Bellini Meurer e Ruti Buzzi.

#### 7. EXPOSIÇÕES

##### 7.1 EXPOSIÇÕES NO AHJ

7.1.1 "Nossas Escolas" — de 1º-01 a 05-03

Nº Visitantes: 240

7.1.2 Abertura com coquetel, no dia 8 de março, a exposição "Retratos de Joinville Hoje" — encerramento: 24-04

Nº Visitantes: 94

7.1.3 "Prêmio Esso de Jornalismo" — de 02 a 09-05

Nº Visitantes: 91

7.1.4 "Joinville — Seus Tempos, Seus Lugares, Sua Gente" de 12-05 a 21-06

Nº Visitantes: 133

- 7.1.5 Abertura com coquetel, no dia 27 de junho da exposição "A Escolha dos Artistas", do Royal College of Arts, de Londres — encerramento: 05 de julho  
Nº Visitantes: 195
- 7.1.6 Abertura com coquetel, no dia 11 de junho, da exposição "Dança das Imagens" — encerramento: 25-07  
Nº Visitantes: 366
- 7.1.7 "Ciências Naturais e Técnicas — A Alemanha no Século XIX" — 31-07 a 20-08  
Nº Visitantes: 82
- 7.1.8 "E Assim se Proclamou a República" — 18 a 29-09  
Nº Visitantes: 214
- 7.1.9 Na noite de 20 de novembro, tivemos um coquetel para abertura da exposição "Fotografias e Cartazes da Festa das Flores do Passado", exposição organizada pelo AHJ, fazendo parte da programação da Festa das Flores.
- 7.1.10 Esta exposta no "hall" de entrada do Arquivo Histórico, desde o dia 24 de maio, a maquete do Teatro Municipal.

## 7.2 EXPOSIÇÕES DO AHJ EM OUTRAS ENTIDADES

- 7.2.1 "Retratos de Joinville Hoje" — no Palácio Cruz e Souza, em Florianópolis, no período de 18-04 a 02-06 e na FURJ, de 13 a 30-06.
- 7.2.2 "Nossas Escolas" — na Escola Básica Germano Timm, de 24-05 a 07-06 e no Colégio "Bom Jesus", de 08 a 19-06.

## 8. VISITAS

### 8.1 VISITAS DE ESCOLARES

- 8.1.1 Recebemos a visita de 183 alunos, da 4ª série, do Colégio "Bom Jesus", entre os dias 13 e 17 de março.
- 8.1.2 30 alunos, da 5ª série do "Colégio de aplicação da FURJ, no dia 18 de março.
- 8.1.3 15 alunas do Curso de Secretariado do SENAC, dia 11 de abril.
- 8.1.4 Nos dias 26 e 30 de maio — 100 alunos da 5ª série do Colégio Estadual Maestro Francisco Manoel da Silva.
- 8.1.5 No dia 8 de junho, 40 alunos de 3ª e 4ª séries, da Escola Básica Integrada Victor Konder, de São Francisco do Sul.
- 8.1.6 Dia 9 de junho, 28 alunos do 2º Grau (Núcleo) do Colégio Estadual Celso Ramos.

### 8.2 OUTRAS VISITAS

- 8.2.1 17-01 — Chegada do Dr. Klaus Richter, diretor do setor de arquivo do Hamburger Staatsarchiv. (Arquivo Estadual de Hamburgo).

8.2.2 Recebemos a visita do Adido Cultural da República Federal da Alemanha, Dr. Christof Weil, do Cônsul Honorário da RFA, Dr. Wolfgang Voigt e do diretor do Departamento Lingüístico do Instituto Goethe de Curitiba, no dia 28 de setembro.

## 9. PESQUISAS

9.1 PESQUISAS DE GENEALOGIA .....	70
9.2 PESQUISAS DIVERSAS .....	622

## 10. PARTICIPAÇÃO EM CURSOS, ENCONTROS OU SEMINÁRIOS

- 10.1 28 a 30-03 — Participamos do “I Seminário de Documentação e Preservação da Memória”, em Florianópolis, onde atuamos como convidado especial na condição de debatedor de uma das conferências.
- 10.2 Nos dias 05, 06 e 07 de junho, a funcionária Vera Lúcia Fedalto, participou do “III Seminário Nacional de Arquivos Municipais”, em Porto Alegre.
- 10.3 No período de 25 a 29 de setembro, a funcionária Gessonia Leite de Andrade participou do “I Encontro Joinvilense de Secretárias”.

## 11. VIAGENS

- 11.1 27 a 31-03 — a funcionária Cláudia Ramos foi autorizada a realizar viagem de pesquisa junto à FUNARTE, no Rio de Janeiro, para a instalação do Laboratório Fotográfico do Arquivo Histórico, projeto que pretendemos viabilizar brevemente.
- 11.2 03-05 a 1º-08 — viagem da funcionária Maria Thereza Böbel à Alemanha, com a finalidade de realizar pesquisas nos arquivos públicos em diversas cidades daquele país. (Projeto Intercâmbio Arquivo Histórico de Joinville e República Federal da Alemanha).

## 12. PALESTRAS

- 12.1 Realizamos palestra especial no Cemitério dos Imigrantes, por ocasião da abertura da Semana de Joinville, falando sobre o tema: “Perfil e Patrimônio Psicossocial do Imigrante”.
- 12.2 Participamos, juntamente com a historiadora Elly Herkenhoff, nos dias 26-04 a 16-05, da “Sessão Especial de Palestras da Câmara Municipal, na condição de palestrante.

## 13. PUBLICAÇÕES

- 13.1 Editamos o Boletim “Arquivo Histórico de Joinville” relativo aos meses de abril a dezembro de 1988. O boletim,

semestral, deverá surgir em nova roupagem, impresso em gráfica e com maior conteúdo, conferindo novo perfil científico-histórico à instituição.

13.2 Dia 20 de novembro o Arquivo patrocinou o lançamento livro "Nosso Teatro Amador", de autoria de Elly Herkenhoff.

#### 14. CURSOS NO AHJ

14.1 De 25 a 28 de abril, foi realizado no Arquivo Histórico, um curso sobre "Fotografia e Pesquisa Histórica", ministrado pelo historiador e documentalista Maurício Lissovsky, do Rio de Janeiro.

Joinville, dezembro de 1989.

**APOLINÁRIO TERNES**

Diretor

### PORTARIAS

#### PORTARIA Nº 079/89

Designa membros para integrar a Comissão de Manutenção e Conservação do Cemitério dos Imigrantes.

O Prefeito Municipal de Joinville, no uso de suas atribuições, **DESIGNA**,

para integrar a Comissão de Manutenção e Conservação do Cemitério dos Imigrantes as seguintes pessoas:

Oswaldo Rieper  
Pastor Remy Hofftaetter  
Pedro Bertino Weber  
Hilda Anna Krisch  
Ivo Koentopp  
Lilli Freitag  
Apolinário Ternes.

Joinville, 30 de novembro de 1989

**LUIZ GOMES**

*Prefeito Municipal*

**MOACIR G. THOMAZI**

*Diretor Presidente*

Fundação Cultural de Joinville

#### PORTARIA Nº 078/89

Designa membros para integrar a Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização.

O Prefeito Municipal de Joinville, no uso de suas atribuições, **DESIGNA**,

para integrar a Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização, as seguintes pessoas:

Carlos F. A. Schneider  
Hilda Anna Krisch  
Edith Wetzel  
Helga Schmidt  
Nanni Keller  
Kurt Rosenberger  
Cristina Voigt Stein  
Ingo Schmidt.

Joinville, 30 de novembro de 1989

**LUIZ GOMES**

*Prefeito Municipal*

**MOACIR G. THOMAZI**

*Diretor Presidente*

Fundação Cultural de Joinville

## QUEM ESTÁ PESQUISANDO

### QUEM ESTÁ PESQUISANDO O QUÊ ?

BETTI, Celito Pedro Gomes.

Profissão: Funcionário Público

Endereço: Rua Itapiranga, 65 — Joinville

Pesquisa: 50 anos de AJAO

Finalidade: Publicação de livro.

BRAGA, Clarita de Campos.

Profissão: Estudante

Endereço: Rua Gastão Vidigal, 206 — Joinville

Pesquisa: Políticas Sociais do Município — 1970 a 1987

Finalidade: Tese de Mestrado.

GONZALEZ, Ana Paula de Ribamar.

Profissão: Estudante

Endereço: Rua João Theiss, 98 — Joinville

Pesquisa: Atividades industriais em Joinville

Finalidade: Participação em Seminário.

KLUG, Débora Cristine.

Profissão: Estudante

Endereço: Rua Oscar Schneider, 249 — Joinville

Pesquisa: Atividades industriais em Joinville

Finalidade: Participação em Seminário.

LIMA, Alessandra.

Profissão: Estudante

Endereço: Rua Joaçaba, 141

Pesquisa: Atividades industriais em Joinville

Finalidade: Participação em Seminário.

MEYER, Vera Maria.

Profissão: Professora

Endereço: Rua Água Marinha, 58 — Joinville

Pesquisa: Revolução de 1930

Finalidade: Monografia.

MORETTI, César Luiz Dariva.

Profissão: Professor

Endereço: Rua João Heber, 1008 — Joinville

Pesquisa: A Atuação Política do Jornal "Gazeta de Joinville"

Finalidade: Monografia.

PEREIRA, Cintia.

Profissão: Estudante

